

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda

PRONOMES E SEUS LUGARES NO DISCURSO

Luzinete Borges de Souza

mód

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	<u>6643</u>
Data	<u>08</u> / <u>02</u> / <u>02</u>

8142
5725p
ExI
C 92569339

Pontes e Lacerda
2001

Estado de Mato Grosso
Secretaria do Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campos Universitário de Pontes e Lacerda

Pronomes e seus lugares no discurso.

Luzinete Borges de Souza

Ensaio Monográfico para o curso de Licenciatura
Plena em Letras- Universidade do Estado de Mato
Grosso _ Campos Universitário de Pontes e Lacerda.

Pontes e Lacerda
2001

Progresso sem mudança é impossível; aqueles que não conseguem mudar sua mente não são capazes de mudar nada. (George Bernard Shaw)

Para meu esposo, José Medrado de Souza, meus
filhos Lucieny, José Roberto e Júnior Rone.

Agradecimentos

Ao término deste curso de Letras agradeço a Deus por cada momento que tem me concedido, iluminando-me para vencer essa etapa de minha vida a todos os professores, colegas de sala, principalmente a Maria Simone Fiúza, de forma especial ao Walmir Guse pois, sem seu apoio dificilmente teríamos o transporte. Exclusivamente a minha orientadora – Marlene Flores de Souza- pelo auxílio, empréstimo de livros, estímulo e compreensão.

Sumário

I-	Um pouco do caminho da língua Portuguesa.....	08
II-	Reflexões sobre o fato gramatical e discursivo.....	10
III-	O possível equilíbrio entre a gramática e o discurso.....	17
IV-	Considerações finais.....	21
V-	Bibliografia	22

Resumo

Este ensaio monográfico tem como objetivo mostrar os possíveis lugares que ocupam os pronomes demonstrativos enquanto fato gramatical, discursivo e lingüístico.

Ao referirmos a gramática observamos que ela traz conceitos “prontos e acabados,” uma pragmática que não dá aberturas para questionamentos, conseqüentemente o enunciado torna-se frase que possui sentido fixo.

Notamos que o discurso é o lugar onde o sujeito posiciona-se, é nele que o sujeito encontra meios para comunicar-se, e através desta comunicação que ele (sujeito) passa a enfrentar os seus problemas.

Outro lugar discutido por nós foi os pronomes no discurso.

Viajamos nesta pesquisa do lugar gramatical ocupado pelos pronomes até o lugar discursivo, onde eles (os pronomes) mostraram-se flexíveis e discutíveis na língua. Detectamos então que a aprendizagem, mais precisamente, o ensinamento de algumas regras gramaticais, deveriam ser revistas. Apresentando assim novas perspectivas para o ensino da gramática.

Um pouco do caminho da língua Portuguesa

No início a língua portuguesa falada pelos conquistadores era o latim que dominava quase toda região de Roma. Havia duas modalidades de latim: o latim clássico, gramatizado, usado pelas pessoas cultas, era falado e escrito; o latim vulgar usado pelo povo, era apenas falado. A língua falada nas regiões romanizadas era o latim vulgar, e dele se originou a língua portuguesa.

Com o passar do tempo o latim vulgar foi transformando e diversificando. Isso mostra que houve uma fase de transição, começando a se transformar pelos falares regionais, dando origem a vários dialetos, que receberam a dominação genérica de *romanço* (do latim *romanice*, que significa falar a maneira dos romanos)

Porém no século V, com as invasões barbaras e a queda do império Romano do ocidente, intensifica-se o aparecimento desses vários dialetos. Nesse período houve a evolução, e, constituíram-se as línguas modernas, conhecidas como neolatinas. A partir daí várias línguas e dialetos se formaram. Dessa formação surgiu o galego português que resultou a língua portuguesa. O galego português, foi derivado do *romanço*, este falar era limitado geograficamente a toda faixa ocidental da península e aos atuais territórios da Galiza e de Portugal. Durou aproximadamente até o século XIV, coincidindo com a época da Reconquista.

O português, desde a consolidação da autonomia política e mais tarde com dilatação do império luso, consagra-se como língua oficial de uma nação. Com essa evolução a língua portuguesa destaca-se alguns períodos: fases histórico, do português arcaico e do português moderno.

Outro aspecto importante é o nível da língua.

Além das diferenças geográficas existem diferenças motivadas pelos chamados níveis da língua. Para entendê-las observamos que o próprio modo de falar varia dependendo da situação em que se encontra, pois ao conversarmos com os amigos, não falamos como falaríamos diante de um diretor de escola ou de nossa mãe. Do mesmo modo podemos notar que há diferenças na maneira de expressar de um médico ou de um advogado, eles são condicionados pelas situações em que se encontram.

O que deixa transparecer é que as pessoas têm diferentes maneiras de expressarem-se e que são condicionadas pelas situações em que encontram no consultório ou no tribunal, elas

difficilmente empregam expressões e termos que utilizam em uma conversa durante o café da manhã com a família ou com amigos.

Existem dois tipos de níveis de fala: a língua culta, língua popular ou linguajar. A língua culta prende-se aos modelos e normas da gramática tradicional, e, é expressa pela elites sociais escolarizadas. É a modalidade lingüística tomada como padrão de ensino, e nela redigem os textos e documentos oficiais do país.

Enquanto a língua popular ou linguajar é aquela usada diariamente pelo povo desprovido de qualquer preocupação com “correção” gramatical. Que tem como finalidade eminentemente prática: comunicar informações, exprimir opiniões e sentimentos de forma eficaz.

Para Benveniste, a língua não é um instrumento, mas uma forma de nos tornarmos gente e serve também para a comunicação.

Segundo o pensamento de Benveniste, observamos em exemplo, que constata-se diariamente na nossa fala que são os pronomes demonstrativo. Na fala não nos preocupamos com os possíveis lugares que eles possam ocupar (questão que abordaremos com mais complexibilidade no decorrer do texto).

Considerando que a língua tem toda essa flexibilidade e ao mesmo tempo um compromisso em relação à compreensão entre falante/ ouvinte é que pretendemos analisar os pronomes demonstrativos a partir de dois fatos: o fato gramatical e o fato discursivo. Estaremos usando a gramática normativa como embasamento teórico, a qual possibilitar-nos-a discutir às regras que inserem tais pronomes. Também estaremos buscando teorias que possam discuti-los nos discursos, mostrando outros lugares que certamente a gramática não vê. Para tal análise, usaremos como corpus exercícios de livro didático e da própria gramática que envolvam os pronomes.

Nossa perspectiva é que ao término desta pesquisa, ao trabalhar este conteúdo em sala de aula, possamos refletir sobre os possíveis lugares dos pronomes demonstrativo e não apegarmos só com os conceitos “acabados e prontos.”

Reflexões sobre o fato gramatical e discursivo

Retomando o que já foi dito anteriormente que temos como objetivo analisar os possíveis lugares que ocupam os pronomes demonstrativo a partir de dois fatos: o fato gramatical e o fato discursivo. Usaremos a gramática normativa como embasamento teórico, a qual possibilitará discutir as regras que insere tais pronomes. Também buscaremos na lingüística estrutura para discuti-los nas formas discursivas.

Uma das questões interessantes é que, desde quando surgiu a Gramática Tradicional até o século XX, está não abriu espaço para a língua falada, seu objeto de estudo sempre foi a escrita. Com o passar do tempo começou a ser criticada e revista. Começamos, então, a perceber a grande influência da língua falada e suas transformações no mundo.

Observamos que para falar, o sujeito não necessariamente precisa saber ler e escrever, mesmo não dominando a leitura nem a escrita as pessoas sabem perfeitamente falar sua língua materna (e existe pessoas que falam até mais de uma língua).

Só isso já basta para mostrar o caráter essencialmente elitista da Gramática Tradicional, que desprezou todo o uso oral das línguas para se concentrar apenas no uso feito pelas poucas pessoas que saibam ler e escrever. (Bagno, 2001)

Ainda falando um pouco do lugar que a gramática ocupa nas teorias, lembramos Suussure, quando diz que estudiosos afirmam que é impossível conceber pensamento sem linguagem. Já no século XX se faz descrições e história das famílias de línguas mãe de cada família, século enfocam os valores funcionais da linguagem. 1926 dá-se origem a uma nova ciência, fonologia (sons significações = Fonética (casos individuais do ato da fala). 1928 elabora-se uma teoria gramatical que possibilite descrever todas as línguas do planeta, que seriam I Gramática gerativa, II Gramática sintagmática, Gramática transformacional.

Busca-se, por vezes uma dessas causas determinantes no estudo geral da nação num dado. As línguas atravessam umas épocas mais movimentadas que outras: pretende-se relacioná-las com os períodos agitados da história exterior e descobrir, dessarte, um vínculo entre a instabilidade política e a instabilidade Lingüística, isso feito, acredita-se poder

aplicar às mudanças fonéticas as conclusões correntes à língua em geral.
(Saussure 1999)

Para Orlandi assim como para Saussure a Linguística passa por várias fases. O homem procura explicar tudo o que existe no mundo e uma dessas explicações é a linguagem, onde ele tem respostas a várias perguntas necessárias do seu mundo e da sua vivência com os outros seres humanos. É com a linguagem que o homem tenta domesticar seus poderes e trazê-los para si. A linguagem não nasceu agora, ela exercia uma força desde sempre. Para comprovar isso basta olhar a paixão e a curiosidade de vários pensadores “Aristóteles” “ Platão” o fascínio que invade de maneira diferente as diversas formas: a literatura, a poesia, religião etc. Nas lendas mitos e até polêmicas muito antiga revelam a curiosidade do homem pela linguagem pois na grécia antiga pensadores já se reuniam para debaterem sobre a organização da linguagem em sua semelhanças.

Para Sapir a linguagem não pode ser vista como fenômeno independente dos condicionamentos históricos culturais, sociais e dos traços psicológicos dos indivíduos que a falam. O estudo do significado é o estudo da própria linguagem, uma vez que a língua serve para exprimir idéias e veicular um dada representação e uma determinada interpretação da realidade. (Maria Helena 1999)

Na construção da Linguística há dois momentos: o século XVIII marcado pelo racionalismo onde a razão está centrada no sujeito pois ela (razão) é a matriz do conhecimento pensamento e linguagem andam juntos até os 2 anos, só depois se separam.. Então pensadores da época estudam a linguagem enquanto representação do pensamento e procuram mostrar que as línguas obedecem princípios racionais lógicos.

Portanto a Linguística é uma ciência empírica. Deve pôr conseguinte , elaborar modelos que expliquem os dados relativos à linguagem. De fato o que a lingüística analisa não é verdadeiramente um dado, mas o resultado de uma construção.

Com o passar do tempo alguns pensadores começam, a criticar a Gramática Tradicional (GT), pois a mesma dedicou-se exclusivamente a escrita, e, se olharmos em termos de quantidade de pessoas notamos que as línguas sempre foram mais usadas a falada, que a escrita. Mas mesmo sendo a mais usada, com o surgimento da (GT) a língua falada não foi dada a atenção devida. É a

partir da Lingüística que surge os estudos sobre a linguagem, e com isso começa-se os questionamentos sobre a gramática tradicional.

Tudo do isso causou uma verdadeira revolução no estudo da língua uma das principais inovações introduzidas pela lingüística foi, precisamente, atribuir a língua falada a importância que sempre tenha sido negada durante o império da Gramática Tradicional. A língua falada é que é a verdadeira natural, a língua que cada pessoa aprenda com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais. (Bagno 2001).

Sabemos, portanto, que a lingüística é uma ciência, por ela ser uma ciência desenvolve ramos diversos sobre o estudo da língua. Um desses ramos é a Semântica, sendo ela uma ciência que estuda o significado, ela dá abertura a análise dos vínculos entre as palavras e os signos. A língua é tratada como produtora de mensagens, não considera a sucessão de unidades, mas o sentido globalmente. Na semântica há uma flexibilidade diferente da gramática que só atém ao aspecto formal.

Então é nesta flexibilidade que ela abre espaço para vermos e discutirmos os pronomes, que estaremos abordando na análise deste trabalho.

Para a semântica os pronomes contrariam a noção dos dêiticos isto acontece quando não faz inferência a uma situação contextual, e sim a um procedimento discursivo histórico.

Buscaremos ver um pouco o lugar da (GT) na língua, teremos a gramática voltada para uma doutrina, aquela que se deve seguir.

O que fica claro é que por a gramática não ser uma ciência, e sim uma doutrina ela não abre espaço para que o sujeito tenha seu posicionamento, no entanto a gramática tem seus conceitos definidos para falar/ou escrever e o papel do sujeito é segui-los. Diferentemente, do discurso, que o sujeito envolvido no fato discursivo, valoriza as condições de produção do enunciado, pois existe um discurso que não cessa e produz efeito em cada momento de nossa vida. Outro fato importante ao se falar em discurso é que o discurso só é entendido se houver margem para entendimento, *dir-se-á, que o processo de significação é histórico (Orlandi 1988)*

O que deixa transparecer é que em alguns casos nos pronomes demonstrativos o sentido esta na memória discursiva, memória está construída historicamente.

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscuso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já dito na base do dizível, sustentando cada palavra. (Orlandi 2000)

Para Bagno os estudos tradicionais da linguagem ficaram isolados da língua, com isso a língua perde sua essência, pois sua preocupação torna-se voltada para as palavras na frase e como é a organização dela dentro da frase.

Neste momento pretendemos mostrar como são visto os pronomes demonstrativos na gramática e os conceitos que inserem tais pronome.

Segundo Luiz Francisco uma análise produzida como lição gramatical não dá abertura para o discurso, só tem compromisso com a fixação de uma constata na língua, daí porque o gramático nesse momento se atém ao aspecto formal.

Na Gramática normativa os pronomes demonstrativos são vistos da seguinte forma, os demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso situando os no tempo ou próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis.

Primeira pessoa este, estes, esta, estas
isto

Segunda pessoa *esse, esses, essas, esses*
 Isso

*Terceira pessoa aquele , aquelas aquela aqueles
 aquilo*

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

(Pasquale & Ulisses 98.)

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos. (Pasquale & Ulisses 1998)

As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve: O que é isso que está em sua mão? Nunca imaginei que este corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas. Esse seu olhar, (Ton, Jobim)

Os demonstrativos de Segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve: Meu rendimento aumentou nesses meses. (Pasquale & Ulisses 1998) (o emissor refere-se a meses que já passaram).

Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve: Veja aqueles momentos. Quem é aquela moça que está do outro lado da rua? (Pasquale & Ulisses 1998)

Esses pronomes também podem indicar um passado vago e remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquele época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo. (Pasquale & Ulisses 1998).

Esses pronomes demonstrativo também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe: Minha tese é esta: crescimento econômico só se produz bem estar social.

Crescimento econômico só se produz bem estar social. Essa é minha tese.

Este e as outras formas de primeira pessoa se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse e as outras formas de segunda pessoa, se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriores citados: Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma) emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no interrelacionamento das partes que constituem frases e textos.

- O, os, a, as, são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:

Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.

(= ... é preciso que façamos isso logo.)

A que apresentar o melhor texto será aprovada.

(= ... Aquela que apresentar o melhor texto ...)

não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.

(... tudo aquilo que já foi discutido.)

Tal, tais podem Ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativo estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.

(= Essa foi ...)

Jamais supus que fossem capazes de proferir tal aberração!

(= ... semelhante aberração!)

- *Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando equivalem a tal, tais:*

Não se veria semelhante grosserias se as pessoas tivessem o mínimo de sensibilidade.

(= não se veriam tais grosserias...)

- *Mesmo, mesmos, mesma mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são demonstrativos quando têm o sentido de “ idêntico”, “ em pessoa”.:*

Não é preciso continuar insistindo nos mesmos erros.

Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

O que fica claro é que por a gramática não ser uma ciência e sim uma doutrina ela não abre espaço para que o sujeito tenha seu posicionamento lugar, independentemente.

A gramática Tradicional sempre se concentrou muito muito na morfologia, que é o estudo da forma, e na sintaxe, que o estudo do arranjo das palavras na frase. Sendo que se a Gramática Tradicional desse ênfase a essa abrangência que é olhar a língua na visão da sintaxe, semântica e pragmática notaria que seu valor é riquíssimo e que sua abrangência é imensa, pois existe mais de um ponto de vista.

Visão Tradicional linear, plana (“ chata”) e unidimensional: Já a visão considerada conjunta de sintaxe- semântica- pragmática permite uma visão articulada, tridimensional dos enunciados lingüísticos. (Bago 2001).

Se olharmos a luz da Lingüística há que se considerar que podemos ver os enunciados numa visão abrangente. Enquanto que a gramática prende-se a conceitos, como vimos estuda a frase, a palavra. No entanto se a gramática fosse vista nos três aspectos: sintaxe, semântica, pragmática. Seria de grande importância, pois a mesma estaria valorizando toda essa abrangência, a sintaxe estuda, a relação das palavras ou signos lingüísticos. Na semântica estuda a relação que os signos lingüísticos faz com as coisas que eles estabelecem, com as coisas da realidade os quais referem-se. A pragmática estuda a relação que os usuários da língua têm com os signos lingüísticos e com os demais falantes.

Com isso vemos que a língua sendo considerada de vários pontos de vista torna-se rica e interessante.

O possível equilíbrio entre a gramática e o discurso

Tomamos como base a gramática normativa e alguns pressupostos teóricos os quais possibilitam discutirmos possíveis lugares, que ocupam os pronomes demonstrativos estaremos analisando alguns enunciados de livro didático que trazem atividades com tais pronomes demonstrativos. (1) *Este é um dia feliz para mim*. Neste enunciado podemos ver que o pronome demonstrativo *este* situa um ser no espaço, indica que *esta* no presente, e quem fala é a primeira pessoa. Ao relacionar o enunciado (1) retirado de um livro didático com a gramática vemos que por o livro didático ser um discípulo da gramática normativa a única diferença é que o livro didático não vem explicando o conceito igual a gramática diz que *os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem escreve: (Pasquale & Ulisses)*

Enquanto que no ponto de vista da semântica o demonstrativo *este*, no enunciado (1), vemos que ocorre o processo dêitico de localização espaço, temporal do locutor e do contexto marcado pelo demonstrativo *este* de tempo e modo verbal e depende do ato da fala. Notamos neste caso o meio de comunicação pessoal.

Em enunciados, usam-se os símbolos lingüísticos para criar universos de referências em que se faz menção a entidades, acontecimentos e circunstâncias a que se aplicam as formas da língua como argumentais e predicadores. A aplicação adequada desses termos propicia a criação dos universos de referência como mundos possíveis nos quais atua ou acerca dos quais se diz alguma coisa, por meio da língua, nos planos oral e escrito. (Maria Helena 1999)

Analisando este enunciado enquanto fato discursivo, se numa conversa com alguém falasse *Este é um dia feliz para mim*. Não seria necessário que o sujeito tivesse que analisar, se é primeira pessoa o tempo do verbo. O enunciado da margem para entendimento mesmo que o sujeito não seja escolarizado. E ainda poderia usar a criatividade a qual estaria criando várias situações. Ex. Se ele *esta* feliz é porque aconteceu algo importante na sua vida. *Só assim, podemos fazer ver aos nossos que autonomia da língua enquanto forma relativa, e só no discurso ela cumpre o papel de significar. (Luiz Francisco 1998)*

(2) *Carmem Miranda e o Pelé divulgaram o Brasil no exterior, este com o seu futebol; aquela com sua música.*

Vemos que o demonstrativo **este** refere-se ao Pelé ele divulgou o futebol a idéia que se tem é que o mesmo esta presente com o futebol. Situa-o como se estivesse mais próximo.

A gramática traz o seguinte conceito *os demonstrativos este, estes, esta, estas, isto. De primeira pessoa podem indicar o tempo presente em relação a pessoa que fala ou escreve.* (Pasquale & Ulisses)

Enquanto que o demonstrativo **aquela** no mesmo enunciado percebemos que Carmem Miranda, está respectivamente a mais distante no momento em se efetua a distinção entre Pelé e a Carmem Miranda. Pois para a gramática o demonstrativo aquela indica distancia.

Os pronomes demonstrativos aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem se fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve. (Pasquale & Ulisses 1998)

Esses são os conceitos inseridos pela gramática.

No livro didático A palavra é sua língua portuguesa dos autores Luft & Maria Helena Capítulo I gramática Morfologia pronomes antes de aplicar os exercícios traz a seguinte explicação.

- *demonstrativos- indicam o lugar ou a posição dos seres em relação às pessoas gramaticais:*

<i>variam em gênero e em número</i>	<i>não variam</i>
<i>este (referindo à 1ª pessoa)</i>	<i>isto (referindo à 1ª pessoa)</i>
<i>esse (referindo à 2ª pessoa)</i>	<i>isso (referindo à 2ª pessoa)</i>
<i>aquele (referindo à 3ª pessoa)</i>	<i>aquilo (referindo à 3ª pessoa)</i>

Percebemos que se o professor ficar só com esse conceito que traz o livro didático, sem mostrar o que diz a gramática, e trabalhar vários exemplos usando material concreto ilustrações, deixar que o aluno produza situações as quais mostre qual pronome demonstrativo usar, portanto é através disso que o professor cria mecanismos os quais facilitam o aprendizado do aluno. Sem trabalhar esses meios vemos que torna-se um pouco complicado para que o aluno possa entender qual pronome usar. Neste livro didático que mencionei anteriormente depois de inserir esse conceito traz um determinado exercício o qual propõe, que o aluno complete o exercício usando um dos pronomes demonstrativos como: esse, isso, esta, aquela, aquele e coloca alguns

enunciados. Então nota-se que se mostrar só o que trata o livro didático dificulta para o aluno entender o lugar que ocupa cada demonstrativo, mesmo porque tem enunciado que tanto pode usar um demonstrativo como outro.

A forma Lingüística é fruto de um registro de um conhecimento? Não! É fruto de uma configuração teórica em uma capacidade de observar a língua no seu funcionamento é essencial. Qual a tarefa do gramático, então? Muito maior do que registrar os fatos gramaticas. Dentre outra cabe ao gramático levar o aluno a reflexão sobre a ocorrência dos fatos Lingüístico discurso que dão sentido a realidade variadas. (Luiz Francisco, UFPR C. Grande)

Nós como educadores temos que levar o aluno a pensar a língua a partir de sua própria realidade. Isto é estudar como ocorre os fatos lingüísticos tendo como ponto de vista os discursos do seu próprio cotidiano. Tudo isso faz com que professores de língua possam refletir qual real tarefa, atentos sobre a forma que esta sendo conduzido, o estudo da gramática, se esta voltado só aos conceitos que inserem a gramática ou se esta sendo valorizado a ocorrência dos fatos lingüísticos. Vemos que cabe ao professor provocar mecanismos que ajudem o aluno a perceber que é só no discurso que temos espaço para ver a dimensão enunciativa da frase.

A análise de discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso, etimologicamente, em si a idéia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, arte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (Eni Orlandi 2000)

No enunciado (3) abaixo pretendemos mostrar alguns fatos que ocorrem na linguagem humana e como são tratadas situações de enunciação, isto pode ser tomado não como um fato entre outros, mais como podemos ver o ponto de partida para a análise

(3) Uma senhorita de vestido vermelho de bolinhas branca desde uma hora da tarde esta numa loja de calçados, onde foi comprar um sapato são seis horas e a balconista já buscou todos os sapatos disponíveis no estoque, todo o estoque cujas caixas estão espalhadas pelo balcão e pelas prateleiras. Neste momento a senhorita aponta para um dos sapatos que ela havia mostrado

e diz: **Fico com este**. Seria pouco natural se ela expressasse de outra maneira. Esta frase somente com três palavras, consegue transmitir aquilo que em outra situação valeria de várias circunlocuções. Este exemplo mostra que o locutor (no caso a senhorita) percebe-se que com apenas três palavras o locutor no caso consegue fornecer as informações. Nota-se, que o demonstrativo **este** identificar o objeto presente na situação de fala, *dos assuntos a que a interação verbal diz respeito. Acompanhado verossimilmente por um gesto de apontar este permite identificar* (Ilari & Geraldi 1994)

Observamos que os demonstrativos são expressões que permitem identificar, como vemos no exemplo acima o demonstrativo **este** no caso identificou (o sapato) e neste caso dispensou uma visão detalhada do mesmo. Então percebemos que o demonstrativo **este** serve para indicar pessoas, coisas momentos e lugares a partir da situação de fala, no enunciado acima deixou claro em que ha situações o pronome vem acompanhado de um gesto de apontar. A lingüística moderna chama estas palavras de formas dêiticos ou seja, palavras que mostram. Os dêiticos (ato de mostrar) processo pelo qual se determina o referido de uma expressão a partir de uma situação extra lingüística em que a expressão é utilizada *traços que distinguem a linguagem humana das linguagens artificiais tornando apropriado para o uso em situações corrente.* (Ilari & Geraldi1995)

No enunciado (3) vemos que é interessante o processo pelo qual ocorre o pronome demonstrativo **este** em uma dada situação. percebemos que ao olhar as formas que são tratada a língua no discurso notamos que este processo não se distancia muito do discurso, pois no discurso através de gestos também conseguimos nos expressar.

Ao analisarmos estes enunciados podemos perceber que em cada visão discurso, língua, e gramática existem seus valores devidos, e que se olharmos enquanto fato discursivo, fato gramatical e na lingüística vemos que a língua. No fato discursivo, há um grande espaço o qual o sujeito pode comunicar-se. Porém o sujeito ao deparar com o fato gramatical tem que no mínimo ter freqüentado alguma escola, para entender que na gramática existem regras e conceitos a ser seguidos.

Enquanto fato lingüístico percebemos que é através da língua que encontramos meios para questionar algo incorreto que esteja acontecendo no nosso dia-a-dia.

Considerações Finais

Com essa pesquisa a qual tem como objetivo ver os possíveis lugares que ocupam os pronomes demonstrativos, vemos que a gramática tem suas vantagens e suas desvantagens. E que cabe ao professor ao trabalhar esse conteúdo não apegar-se só aos conceitos que inserem a gramática. Enquanto professores de língua diria que temos que estar com os olhos abertos a ponto de notarmos que a visão da gramática (é fechada), a qual apresenta conceitos “prontos e acabados” percebemos que ao trabalhar a gramática temos que estar em constante reflexões sobre os determinados conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Uma das questões que merece seu devido valor ao referirmos aos demonstrativos é não ficarmos só nos conceitos que a gramática traz é observarmos que há casos em que os demonstrativos funcionam realmente dentro do discurso.

Mostrar para o aluno que no discurso vemos o poder que a língua tem, no entanto é nele que o sujeito pode expressar suas idéias. No caso dos enunciados que trazem os pronomes demonstrativos sem necessariamente preocupar-se com o tempo ou espaço, o sujeito sente-se à vontade na forma de expor seu pensamento, notamos que seria um tanto complicado se no dia-a-dia, no discurso, o sujeito tivesse que preocupar-se com qual demonstrativo usar nas conversas.

Vimos que a língua funciona em nossos trabalhos em lutas que travamos sobre a memória no presente e no passado. Entendemos que a língua adquire identidade nas ações de sentido de discurso para discurso. Enquanto forma lingüística também é muito importante a flexibilidade que tem a mesma, é nesta flexibilidade, que percebemos a abertura para observar a língua em seu funcionamento.

Bibliografia

- BAGNO, Marcos. *Um convite à pesquisa*. São Paulo: Brasil, Parábola, 2001
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística geral I*. Campinas São Paulo Pontes, 2000
- CIPRO Neto & Ulisses Infante. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Spicione, 1998.
- ILARI, & Geraldi. *Semântica*. São Paulo SP: Ática A..S 1994
- JOSÉ de Nicola & Ulisses Infante, *Gramática Contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione 1991.
- LUFT, & Maria Helena Duarte. *A palavra é sua*. São Paulo: Jorge Zahar 1996
- MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro: Spicione 1999
- ORLANDI, Eni Pulcinele. *Análise do Discurso*. Campinas São Paulo: Pontes, 2000
- SOARES, Magda. *Português através de textos*. São Paulo: Moderna, 1999
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1999
- DIAS, Luiz Francisco. *Apostila Gramática, Discurso e ensino da Língua* 2000.